

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem  
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul  
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS  
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018**



## “MEDIÇÃO” COMO POSSIBILIDADE NO ENSINO DE ARTE

Kelly Queiroz dos Santos  
(Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

### Introdução

O presente trabalho propõe uma discussão acerca da “mediação” – aqui entre, pois estou a refletir acerca do conceito de mediação cultural, pesquisa ainda em construção –, que entendendo como a criação de abordagens metodológicas artístico-pedagógicas pensadas a partir da obra e do espectador para aproximá-los. Essa pesquisa e reflexão se dá através de minhas experiências práticas com mediação, que iniciaram em 2014 com o Festival do Teatro Brasileiro, onde percebi a demanda e necessidade deste tipo de ação e que motivaram a minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso (TCC) de Artes Cênicas e Dança.

Para tanto, pretendo apontar, descrever e discutir as possibilidades da mediação cultural e o papel desse tipo de intervenção e seus possíveis desdobramentos e convergências com a prática pedagógica no ensino de arte na escola. Assim, ao entender a mediação cultural como uma abordagem, ficou perceptível seu diálogo potente e direto com a arte na educação no ensino formal. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) para o ensino de Arte, foi possível relacionar diretamente os eixos norteadores para o ensino e aprendizado da arte – fazer, apreciar e contextualizar – à prática da ação mediadora, propondo uma aproximação e convergência entre estes fazeres.

### Metodologia

A abordagem de pesquisa adotada é de cunho autoetnográfica, visto que a autora do estudo também é sujeito da pesquisa. Assim, neste trabalho, que surge a partir de experiências com a mediação cultural das quais pude fazer parte, procuro relatar e refletir sobre esta prática. Essa abordagem foi escolhida considerando que a pesquisa autoetnográfica é

caracterizada pela participação do “eu”, e como afirma Fortin (2009), “não podemos falar a não ser de nós”.

Esse tipo de procedimento metodológico também me permitirá “o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si” (FORTIN, 2009, p. 83), levando sempre em consideração o pensar a teoria a partir das práticas realizadas com tal objeto de estudo.

## **Resultados e Discussões**

Entendo mediação cultural como uma prática metodológica artístico-pedagógica a ser realizada por um indivíduo responsável por facilitar a aproximação entre obra e público. Percebendo que a aproximação entre público e obra seria o objetivo geral da mediação cultural – aproximação esta que se dá por meio da criação de abordagens metodológicas a partir da obra e do espectador – durante minha prática e pesquisa encontro alguns possíveis objetivos específicos da mediação, como já mencionado: formação de público, formação de espectadores, conforme proposto por Desgranges (2008).

Para discutir o conceito de mediação cultural, busco o ponto em comum entre pesquisadores das áreas de artes visuais, teatro e dança entendendo que podemos nos valer dos conceitos gerados por esses campos, com suas propostas e considerações, adequando às especificidades de cada linguagem. Assim, entre os autores trazidos para esta pesquisa estão Filler (2015), Abreu (2015), Martins (2014), Pupo (2011) e Desgranges (2006; 2008) que em suas abordagens apontam para a abrangência do ato de mediação, conforme aqui exposto por Filler (2015, p 135):

O ser humano é constitutivamente um ser de mediação. [...] Estamos todos, o tempo todo, nas intersecções de uma complexa rede de conhecimentos, desejos, histórias passadas e presentes tentando construir narrativas e diálogos que criem sentidos para nós e para o contexto no qual estamos inseridos.

Desgranges, citado por Glauber Abreu (2003, apud, ABREU, 2015, p. 61), solidifica essa proposta dizendo que “é considerado procedimento de mediação toda e qualquer ação que se interponha, situando-se no espaço existente entre o palco e a plateia, buscando possibilitar ou qualificar a relação do espectador com a obra teatral”.

Desgranges (2008, p. 76) apresenta duas categorias sobre a facilitação de acesso: o “acesso físico e o acesso linguístico”. O autor afirma que o acesso físico é toda ação e iniciativa que viabilize aos espectadores o acesso à obra, ou seja, a ida do público ao teatro ou do teatro ao público. Como por exemplo, garantir o ir e vir dos espectadores (disponibilização

de transporte), a realização de promoção e ingressos com valores acessíveis para classe popular, a difusão de produções culturais para regiões social e geograficamente afastadas, entre tantos outros.

Já em relação ao acesso linguístico trata-se do estímulo especialmente da constituição de um percurso da relação do espectador com a cena teatral, da conquista de sua autonomia crítica e criativa. Assim, esta autonomia se faz necessária para que o espectador crie seu próprio percurso para aproximar-se com os elementos da obra em seus aspectos sensíveis e reflexivos.

Existe também a diferença entre a formação de público e a formação de espectadores, fator essencial para compreender o objeto de estudo deste trabalho. Desgranges (2008, p. 77) alega que a formação de público intenciona oportunizar o acesso físico a fim de ampliar os “frequentadores em potencial, gerando assim condições para que uma determinada parcela da população, aumente o hábito de ir ao teatro”. Já a formação de espectadores tem em vista o acesso linguístico, uma vez que, deseja trabalhar com as individualidades, com as subjetividades, com as conquistas adquiridas por cada espectador no processo em curso, ou seja, um encontro íntimo, um estreito laço entre a obra e espectador, visto que, para que o acesso ao teatro aconteça é necessário mais que apenas viabilizar a frequência, mas estimular que o espectador pouco experimentado na arte teatral tenha um proveitoso diálogo e intensa experiência com o espetáculo (DESGRANGES, 2006).

Encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, em todas as fases do Ensino Regular, o fazer, apreciar e contextualizar em arte nos objetivos do ensino de Arte na escola, como competências a serem desenvolvidas e também como conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.

Proponho então, aqui, discutir como a “mediação”, em minha perspectiva, se relaciona com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte do ensino formal – desde o Ensino Fundamental ao Médio –. Busco apresentar onde percebo nestes documentos o diálogo com a mediação cultural, dando aporte teórico e direcionamentos para a prática do que venho propondo nesta pesquisa, perpassando entre os diversos ciclos da educação.

A proposta da abordagem triangular é norteadora para a escolha do conjunto de conteúdos do ensino e aprendizagem de arte, que está articulada por intermédio de três eixos norteadores: o *fazer/produzir*, o *apreciar/fruir* e o *contextualizar/refletir*. Estes conceitos, como já mencionado, estão presentes nos parâmetros de todos os níveis da educação básica e são apresentados da seguinte maneira:

a produção refere-se ao fazer artístico e ao conjunto de questões a ele relacionadas, no âmbito do fazer do aluno e dos produtores sociais de arte. A fruição refere-se à apreciação significativa de arte e do universo a ela relacionado. Tal ação contempla a fruição da produção dos alunos e da produção histórico-social em sua diversidade. A reflexão refere-se à construção de conhecimento sobre o trabalho artístico pessoal, dos colegas e sobre a arte como produto da história e da multiplicidade das culturas humanas, com ênfase na formação cultivada do cidadão (BRASIL, 1997, p. 41).

Estes três eixos poderão ser trabalhados de acordo com o professor e com o currículo da escola, não tendo uma ordem específica ao levar em consideração que estão articulados entre si na prática.

A abordagem triangular de Ana Mae prevê o fazer, o fruir e o refletir como construção de conhecimento. Os PCNs de arte entendem que aprender arte não é apenas propor que o aluno realize produções artísticas, mas também conquistar a significação do que esse aluno faz, no desenvolvimento da percepção, levando em consideração o contato com a arte vista como objeto de cultura cheio de relações e histórias (BRASIL, 2000, p. 44).

A contextualização é indissociável já que está presente nos demais eixos. “Os saberes envolvidos no produzir e no apreciar estão articulados à necessidade de contextualização a partir de outros saberes e experiências culturalmente desenvolvidas e que são distintos” (BRASIL, 2000, p. 54). É fundamental que o professor não deixe passar em branco a contextualização, momento de extrema importância e não permitindo que suas aulas prossigam como se aquela experiência não tivesse existido. A contextualização deve se fazer presente no planejamento, compor as aulas desse professor que irá mediar em sala as discussões e reflexões sobre as experiências que seus alunos tiveram.

Na verdade indissociável é que a “mediação” seja pensada antes de se propor qualquer saída da escola para que esta não seja apenas mais uma “visita”, mas que esta seja uma experiência verdadeira e única para este aluno, que será marcado e que dificilmente esquecerá.

Os parâmetros preveem a apreciação de obras de arte colocando o aluno num lugar de espectador, reconhecendo o papel da troca entre artista e apreciador. “A obra de arte revela para o artista e para o espectador uma possibilidade de existência e comunicação, além da realidade de fatos e relações habitualmente conhecidos” (BRASIL, 2000, p. 36).

O processo de aprendizagem e ensino de arte, segundo os PCNs, tem o objetivo de estimular os estudantes a serem melhores “como cidadãos inteligentes, sensíveis, estéticos, reflexivos, criativos e responsáveis, no coletivo, por melhores qualidades culturais na vida dos grupos e das cidades, com ética e respeito pela diversidade (2000, p. 50)”, voltando sempre no objetivo de tornar os alunos seres humanos cada vez mais sensíveis através da arte.

Não devemos pensar nesses procedimentos de mediação cultural como uma única forma de abordagem, ou sinônimos de controle, mas como ação que tem a intenção de tornar o fazer e a produção artística próximos à realidade desse indivíduo, para que ele se sinta pertencente a essa experiência, aos espaços culturais públicos, estimulando a acessibilidade à produção artística. Vale destacar que neste processo o mediador cultural apresenta caminhos de apreciação, fruição e não formula ou induz a produção de significados da obra para o espectador.

Além disso, acredito que a “mediação” no contexto de ensino estará sensibilizando o aluno não só para a arte apresentada em espaços cênicos, ou exposta em museus, mas para a arte também presente em seu cotidiano. O aluno poderá notar que também estamos atravessados o tempo todo pelas artes populares, grafites pela cidade, danças e festejos praticados por comunidades e grupos locais, ou seja, manifestações culturais que resistem à lógica da cultura de massa veiculada pelos meios de comunicação dominantes. Assim, trata-se de apresentar e sensibilizar este aluno para um mundo de arte que está lá fora para ser explorado por ele, esperando-o para construir sentidos, para apreciar, para refletir, para criar após esses atravessamentos.

Penso que esse poderá ser um transbordamento das aulas e provocações para fora dos muros da escola, espaços para construção de saberes proporcionado pelas aulas de arte e mediações feitas em sala de aula. Percebo a “mediação” como um caminho para a produção de uma escola pública contemporânea, como nos provoca Gilberto Luiz Alves (2006), pois atenderá necessidades sociais pertinentes à nossa época, já que estes alunos estão sendo muito pouco motivados e tendo muito pouco acesso físico, e mais distantes ainda estão do acesso linguístico. Na construção dessa escola contemporânea, a “mediação” é uma outra forma do professor realizar o trabalho didático (ALVES, 2006, p. 239).

Levo sempre em consideração o que me disse a professora Mirian Celeste Martins no intervalo de sua palestra sobre mediação cultural que aconteceu na UEMS. Ela me fez pensar a “mediação” como algo que vai muito mais além do que apenas preparar o aluno para um espetáculo específico, mas sim, através de experiências em sala, formar um cidadão com olhar mais sensível ao que está à sua volta, e principalmente para o mundo em que ele vive, considerando a arte enquanto área legítima de conhecimento sensível.

## Considerações Finais

Podemos dizer então que o conceito de mediação cultural encontrado nessa pesquisa entende esta como uma prática relacionada à criação de abordagens metodológicas a partir da obra e do espectador, por meio das quais se busca a sensibilização para apreciação de determinada obra.

A mediação cultural enquanto uma abordagem metodológica artístico-pedagógica foi colocada em diálogo com os PCNs relacionando os eixos norteadores para o ensino e aprendizado da arte – fazer, apreciar e contextualizar – à prática da ação mediadora. Dada à potência desse diálogo, pensando não somente na formação de público para a arte, mas, sim, em aproximar esta à realidade e aos fazeres dos indivíduos.

Vale ressaltar também a importância dessa ação para qualquer atividade artística realizada em parceria com a escola e artista e/ou instituição, para que não seja apenas mais uma saída, mas uma experiência única. A “mediação” aproximará esse aluno do que o artista propôs, já que terá sido estimulado a ampliar suas possibilidades de construir sentido através das ações realizadas pelo professor de arte em sala de aula.

Por fim, resalto que a mediação cultural pode ser realizada por abordagens metodológicas com práticas mais aprofundadas, com maior período de tempo, ou poderá ser uma conversa informal com um grupo de pessoas antes da apreciação, prática essa simples, mas que não diminui sua importância enquanto ação. Sim, estamos sendo sempre mediados, estamos sujeitos a isso, mas a mediação cultural se faz presente para que haja uma experiência única, tanto para o espectador, como para o artista e também para o mediador.

## Referências

ABREU, Glauber Gonçalves de. **Experiência e Mediação em teatro: abandonar-se para não abandonar**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arte do Instituto da Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea**. 4. Ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC / SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias / Ensino Médio**. Brasília : MEC / 2000.

DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do teatro: provocação e dialogismo**. São Paulo: Hucitec, 2006.

DESGRANGES. “**Mediação teatral**: anotações sobre o projeto Formação de Público”. In: **Urdimento**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Teatro / CEART/UEDESC, v.1, n. 10, 2008, p. 75-83.

FILLER, Zina. “**Mediação para dança contemporânea**: um primeiro desafio para gestores, artistas e instituições culturais”. In: **Revista do centro de pesquisa e formação**. São Paulo: Nov/2015. P. 135-145.

FORTIN, Sylvie. “Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística”. In.: **Cena**. Rio Grande do Sul, n. 7, p. 77-88, 2009.

MARTINS, “Mediações culturais e contaminações estéticas”. In: **Revista GEARTE**, São Paulo, vol. 1, n. 2, Agosto/2014.